

NEWTON G. DE BARROS

OLHAI AS AVES DO CÉU

PONGETTI

A. PIMENTA DE MORAIS

da ARCÁDIA IGUAÇUANA DE LETRAS, escreve sobre "OLHAI AS AVES DO CÉU"

"não precisa de crítica, prefácio, ou apresentação. O autor já tem o seu público e tudo aquilo que se dissesse, laboriosamente, não iria aumentar ou diminuir os seus leitores.

"Senectude" é um belo soneto, vale todo o livro...
Eis tudo."

Novembro de 1961.

Palavras sobre "PRIMEIRO, A TRAVE DE TEUS OLHOS"...

LEOPOLDO MACHADO
(Da Arcádia Iguacuana de Letras)

Newton Gonçalves de Barros já nos tem dado seus originais para ler. Mas sua impaciência e nossa displicência não nos têm permitido a leitura inteira de nenhuma de suas peças anteriores.

Desta vez, lemos, entretanto, todo o seu "PRIMEIRO A TRAVE DE TEUS OLHOS..."

Aliás, por imposição do autor, que nos disse ao telefone, mais ou menos:

— O calor aí, no LAR DE JESUS está forte demais? E você quer quebrá-lo com a leitura de um original que exige a sua apresentação? Trata-se de um livro destinado, principalmente, a preparar os moços para o conhecimento das coisas da palingenésia, no desejo sincero de espiritualizar essa mocidade que

O livro veio. Folheamo-lo. Duas surpresas, para logo, nos assaltaram o espírito: seu título e sua dedicatória.

O título dá-nos a idéia de um livro doutrinário, conceituoso, elaborado à feição de um compêndio de

OLHAI AS AVES DO CÉU

20. 6. 62

NEWTON G. DE BARROS

OLHAI AS AVES DO CÉU

1962

IRMÃOS PONGETTI EDITORES
RIO DE JANEIRO

HOMENAGEM

*a todos aqueles que lutam no mundo
inteiro pela salvação do menor abandonado*

GRATIDÃO

*aos que me ofereceram seus versos em seus
livros*
Amadeu Santos
Sebastião Lasneau
Z. de Paula Barros
José Brasil

A Allan Kardec Baptista

paternalmente

LAMENTOS

PRIMEIRA PARTE

Salmos (cap. 118) de David.

A L E P H

Maria
minha alma chora

Lamentos rolam
cristalinos
roxos
pela face
Do plúmbeo céu
de escuras nuvens
tristes
úmidas gôtas
frias
descem lentas

B E T H

Maria
minha alma chora

Os sonhos puros
da primeira infância
fugiram todos
esvaídos
tontos
na fluidez azul
das tardes iantinas

G I M E L

Maria
minha alma chora

O amor singelo
casto
esperançoso
morreu menino
adolescente
virgem

D A L E T H

Maria
minha alma chora

As esperanças verdes
fortes
juvenis
esmaeceram
lassas
sem roteiros
nos amargos volteios
dos confrontos

H E

Maria
minha alma chora

A lida diurna
do labor sagrado
pelo bendito pão
saudável
do saber
arrasta pesarosa
modorrenta
amorrinhante
o moribundo esforço
de viver

V A U

Maria
minha alma chora

E os músculos viris
das fôrças varonis
atléticas
de louros
de vitórias
embriagam vontades
entorpecem sonhos
Aniquilados
Trôpegos
Cediços

Z A I N

Maria
minha alma chora

Os versos brancos
das manhãs de luz
não vibram mais
as cordas harmoniosas
das melodias
soridentes
leves

H E T H

Maria
minha alma chora

O aconchêgo terno
aos pequeninos
já não conta sorrindo
gracioso
as estórias de fadas
sonhadoras
E olha vasio
a fome
a orfandade
a ignorância
o frio

T E T H

Maria
minha alma chora

A caridade irmã
humilde
fraternal
amargurou-se
no egoísmo duro
acutilante
revoltado
mau

I O D

Maria
minha alma chora

A fé adulta
poderosa
mística
malbaratou a caminhada
excelsa
no aclive ultriz
atroz
das trilhas traiçoeiras

C A P H

Maria
minha alma chora

E a languidez
da morte
ronda
oprimê
o cansado coração
de duras lutas
ríspidas
ferinas

L A M E D

Maria
minha alma chora

As torrentes de lágrimas
romperam
a représa frágil
dissolvente
da crença irracional
E o espírito frio
indiferente
espera mudo
afinal
destruições e morte
no dilúvio da dor
universal

M E M

Maria
sou filho também
À porta bato
do teu coração
pedindo bênçãos
e pedindo pão
para a minha alma
e a de meus irmãos

N U N

Maria luminosa
imaculada
colorida de rosa
e de alegria
na fímbria ouro-anil
dos montes claros
deslumbrou
E minhas lágrimas
terna
transmudou

S A M E C H

Meus filhos
olhai as aves do céu

As aves que voam
as aves que cantam
as aves que sonham
as aves que amam
as aves que oram
as aves que entoam
um hino ao Senhor

Não tecem
Não fiam
qual lírios do campo
Confiam sorrindo
nas bênçãos do Amor

A I N

Meus filhos
olhai as aves do céu

Nem reinos
nem sábios
subiram tão alto
cantaram tão doces
amaram tão castos
sonharam tão alvos
seus sonhos
de amor

P H E

Meus filhos
olhai as aves do céu

que voam
que cantam
que sonham
que oram em surdina
as preces do Bem

Nem padres
nem freiras
nos claustros serenos
disseram tão leve
as preces de Amor

S A D E

Meus filhos
olhai as aves do céu

Que tecem bordados
e rendas de luz
no pano azul-claro
do manto de Deus

Nem anjos
nem virgens
no simples tear
jamais conseguiram
nos brancos vestidos
tão ternas vaidades
em sonho
aplicar

C O P H

Meus filhos
olhai as aves do céu

Que riscam velozes
no plano infinito
as curvas douradas
as retas mais justas
cruzando arabescos
de côres sublimes
nas telas sem fim

Nem ricos pintores
nem meigos amôres
fizeram tal rête
trançada
enleiada
dê sonhos de Amor

R E S

Meus filhos
olhai as aves do céu

Que embalam
que envolvem
que enfeitam
que amparam
as mil avesitas
em ninhos sedosos

Gorgeios dormentes
penugens de amor
Nos lares sómente
dos vales
dos montes
as Mães se desvelam
qual aves do céu

S I N

Meus filhos
olhai as aves do céu

As lutas
os crimes
borrascas
vulcões
na entranya da terra
no fundo dos mares
nos peitos profundos
são manchas fugazes
pequenas
sem vida
que fogem
que passam
no olvido dos tempos

T A U

Meu filho

Esquece
Caminha
Restaura energias
Prepara teu vôo
aos céus côn-de-anil

A noite passou
A chuva parou
O risco do raio
as dôres feriu

É quase manhã

O sol dadivoso
teus olhos secou
Sorri trabalhando

Trabalha sorrindo
Que as glórias eternas
despertam louçãs.

A prece feraz
aos céus elevanta
ouvindo com fé
em terna esperança
os versos do hinário
do eterno Senhor
que as aves entoam
nos cantos do Amor

LÁGRIMAS

SEGUNDA PARTE

Bem aventuranças (cap. 5, vers. 5) Sermão do Monte de Jesus.

Q U A D R A S

Avó Mãe Espôsa Filha
quatro nomes de uma flor
despetalando nas lágrimas
ternos perfumes de amor

Os versos cantam chorando
muitas lágrimas de luz
nos corações fecundando
as sementes de Jesus

TERCETOS

Lágrima da infância
gôta — pureza
da esperança em marcha

Lágrima da juventude
gôta — sonho
das primícias do amor

Lágrima da velhice
gôta — saudade
nas ânsias da ressurreição

Lágrima da noite
gôta — orvalho
dos ancenúbios da madrugada

Lágrima do dia
gôta — chuva
na fecundação da semeadura

Lágrima dos pobres
gôta — justiça
na ascese da perfeição

Lágrima dos ricos
gôta — enfado
na redescoberta da vida

Lágrima dos montes
gôta — fonte
no nivelamento da sedimentação

Lágrima dos vales
gôta — ascensão
nos anseios da palingenésia

Lágrima da dor
gôta — reharmonia
na justiça da redenção

Lágrima de Maria
gôta — consolação
nos corações que choram

BÊNÇÀO

Meu filho
há lágrima em tudo

Nas chuvas do céu
no rio que rola
nas aves feridas
no galho partido
na rosa que murcha
na infância sem Mãe
nas jovens ingênuas
no velho asilado
nas ondas que espumam
nos olhos que rezam
no ventre fecundo
no oásis sózinho
na fonte que corre
no fruto que cai
na virgem que casa
nos mares sem fim
Só tu não mais choras
bem perto de mim

DÍSTICOS

Lua — lágrima platinada
das noites tristonhas

Sol — lágrima refulgente
das madrugadas frias

Flor — lágrima colorida
de natureza muda

Saudade — lágrima hialina
do amor incompreendido

Dor — lágrima fecunda
de redenção remota

Prece — lágrima redentora
da fé em renascença

Fraternidade — lágrima niveladora
do bem universal

Amor — lágrima irmã
da perfeição em marcha

E M B O T Ã O

Casa rica
ou casa pobre
De cimento ou lata velha
Na colina ou pantanal

Gente nobre
ou pé-no-chão

O filho nasce igualzinho
Prende sempre o coração

Lordking ou Zé Balão
não há diferença não

N O S E R T Ã O

Mata virgem da vida

Tronco grosso
tronco feio chato largo
Cipó comprido
torcido
Caule magrinho
coitado
espichadinho medroso
braço magrela estirado
pedindo um tico de sol

Tronco grosso não dá não

Sai tudo que eu vou passar

Samambáias cobrem tudo
vivendo só pelo chão
Solidárias
Fecundas
Milenárias

MATA VIRGEM DA VIDA

Orquídeas riem
gargalham
vestidas de tôda côr
Não trabalham

Sou bonita caprichosa
podem vir me admirar

Caules altos
magros
gordos baixos feios tortos
Mestiça democracia

A luz nem sempre penetra
Um raio sómente espia
Vem a aurora
Vai a noite
Vem a noite
Volta o dia

FLAMBOYANT

Fogueira rubra de flor
sorrindo no riso aberto
forrando a terra
de amor

O sol não passa
Espia
Respeita
Esfrola
se acalma

Vem o vento da maldade
Sopra frio
rijo forte

Tudo que é belo acabou

A primavera se foi
O inverno triste chegou

R E T R A T O

Muita gente é mata virgem
Mata virgem sim senhor
Cara feia escura muda
Fechada no inverno frio
Na primavera sisuda
Só cresce no tronco espinho
Nem joão-de-barro faz ninho
As orquídeas olham só
Sorriso
sol-de-alegria
lá dentro não nasce não
Sol poente eternamente
Tristeza tristeza só
Esperança nunca chega
Só amargura chegou

Q U A D R O

Contorno verde de serra
O lago calmo sereno
Espelho falso porém
Há lodo preto profundo
Mas ninguém vê
Neste mundo
Neste Ninguém
Ninguém neste mundo vê

ZÉ BALÃO

Zé Balão nasceu famoso
na ex-capital federal

Sua mãe
prêta retinta
morava no Corcovado
Esse mesmo sim senhor
O morro de Jesus Cristo
de cimento e de farol

Na casa dela no morro
havia sombra
havia sol
Chovia dentro também

Construção de bossa nova
Funcional
Fôrro de lata-de-banha
de vinte quilos talvez
Paredes bem ventiladas
caixotes de querosene

Chão batido
fresco prêto gostoso
Gostoso pra pé-no-chão

Ladeiras em caracol
estilizadas

Lata vasia pra baixo
Lata cheia pra subir

“Se a turma lá do morro
fizer greve e não descer
a cidade vai ficar triste
carnaval vai morrer”

A fila da escola começa
à meia noite dos sete anos

É casada
Não Senhora Ajuntada
Seu nome
Maria da Conceição de Jesus

O pai dêle
Não tem não senhora
Nasceu também da taquara
De mim mesma patroa
(Essa é boa)

Aguarde vaga A seguinte
Maria de Jesus também
Bedel me traga papel
Papel carbono É favor

A vaga é na cinelândia
Dá um cruzeiro moço
Vá pru diabo moleque

Amendoim torradinho
Bala de mel Chocolate
Vai graxar seu moço
Carrinho de feira madame

Zé Balão serviu sete anos
à miséria
Não a élle
mas a ela
Zé Balão ou Zé Lambão
já é sujo molecote
Analfabetizado
Escrachetado
Malcriado

Pensamento mau ninguém vê
nem ouve

Uhn
um pãozinho cheiroso
quentinho
gostoso
Um só

Pega Pega Pega ladrão

“E foi assim que começou
a ser ladrão
o Zé Balão

Pão Pão”

ADOLESCÊNCIA

Eu estava no terceiro ano ginásial
Luci no quarto ano
Luci coitadinha
Muito atenciosa às aulas
Muito meiga
Muito es tu di o sa
Eu
estão vendo
graciosa elegante
alma de artista
Lá isso de estudar Bem
eu es tu do
Não se comprehende uma artista
que não conheça História
que não fale francês
que não converse sobre literatura
Uma prova de que estudo
Ei-la

Havia um professor de português
no meu ginásio

moreno alto saudável
suas aulas me prendiam
sériamente
a atenção
Que prazer ouvir as suas aulas
Que dicção
que gestos
que seriedade
Como eu gostava das aulas de português

Um dia Luci
tôda chorosa
chamou-me a um banco do jardim
e segredou-me

Jamais direi a ninguém
A ninguém

Desde esse dia
minha vida transformou-se
Não me alimentava bem
Dormia intranqüilamente

Sentia um angústia inexplicável
Às vezes
uma profunda piedade de Luci
Outras
desejava que não existisse
para não sofrer tanto

Após os exames
recebidos os diplomas
Luci penetrou
radiosa
em minha casa
Que transformação
Trazia uma carta junto ao peito
A fôlha côn-de-rosa de papel
falava na simpatia de Luci
Suas virtudes
sua simplicidade
sua inteligência
sua meiguice
seu coração

Silenciara sua afeição
até aquêle dia
pela disciplina do colégio
o professor de português

Rimo-nos a valer
Pulamos
Cantamos muito
Para mim uma grande emoção
Uma gran de a le gri a

Desde êsse dia
aumentou o meu fastio

a minha insônia
a minha tristeza
Tive ódio do professor de português
Não sei porque
mas tive
Desejei que Luci morresse
Desejei sim
Não sei porque mas desejei
Chorei muito
Não sei porque mas chorei

Às tardinhas
na Ave-Maria
com um sol arroxeadoo
e uma quietude de sepulcro
sentia angústias indescritíveis
uma saudade imensa
uma tristeza amarga
um desespêro sufocante
Que desejo de morrer
E ser enterrada de branco
Que vontade de ir para a montanha
tôda anilada
fria e alta
E ficar lá
esquecida do mundo
Sob um coqueiro solitário

olhando vagamente
para o infinito

Papai acha que fiquei moça
O médico descobriu-me
alergias
O diretor falou
que estudo demais
O padre mandou-me
aumentar as ladainhas
A orientadora conversou
sobre a minha idade
Os colegas dizem
vejam que absurdo
“É paixonite aguda”

Eu sinto que não é nada disso
Nada disso
E ninguém me entende
E ninguém me comprehende
Oh
Se alguém pudesse ouvir
o que eu não sei dizer

SENECTUDE

Já é bem longa a estrada percorrida
Breve silêncio Ouço a memória E vejo
como foi boa e doce a minha vida
E satisfeito e calmo eu a revejo

Não tem sulcos profundos nem ferida
que diluir não possa num lampejo
Não há mágoa ferina ressentida
Nem extremos de frio Ou quente beijo

Oh minha estrada percorrida Extensa
Mas eu a quero Como a sinto amada
O amor A profissão Um sonho A crença

Por tudo enfim Talvez por quase nada
Eu sinto nalma esta vontade imensa
de principiar de novo a caminhada

DIÁLOGO

Um líder pede o Mundo em ansiedade atroz
Alguém que me chefie e tenha forte a voz
Alguém que da ciência aos páramos chegassem
e como grande sábio às multidões falasse
Artista ou general Um gênio Um professor
Alguém que empunhe forte o cetro de senhor

E ouviu-se a voz da História humilde a divagar

Oh pobre Humanidade ao léo a caminhar
Porque tão infeliz caminhas neste mundo
buscando na matéria o gôzo mais profundo
Não ouves do passado um eco milenar
de sã filosofia augusta a te falar
De Sócrates Platão do velho estagirita
onde a lógica audaz e a pregação bendita
Das grandes religiões que o homem conheceu
onde guardas o Bem que o céu te concedeu
Do nobre Gilgamés aos sonhos do Nirvana
do Nilo fabuloso às lendas do Purana
Do Tigre legendário ao brilho do Corão
são séculos de leis ao puro coração

A ciência do hieroglifo ao cérebro falou
da múmia secular que o mago conservou
Da idade do metal aos astros dos caldeus
a ciência deu ao mundo ilustres corifeus
que vieram qual um facho em noite levantina
trazendo clara luz à criação divina
E ao sol do claro Bem e à luz dessa Verdade
o Belo sempre trouxe encanto e amenidade

Buscando na memória os sonhos que viveu
A voz da Humanidade à História respondeu

Querendo eternizar os reis do imenso Egito
guardei os corpos víis em monstros de granito
Um deus eu procurei às margens do Jordão
o orgulho exacerbou meu pobre coração
Nas artes — a mais pura — a Grécia foi divina
E Venus adorei em graça peregrina
Com Bacon Newton Comte e da experiência o gênio
eu tive o bem-estar E a bomba de hidrogênio
Mas tudo vai passando em seu fulgor falaz
E nada me deixou tranqüilidade e paz

Agora busco em vão um líder mais completo
capaz de realizar meu sonho predileto

E disse a História meiga — a mestra desta vida

Nem sempre uma aventura é a nossa preferida
Já teve a Humanidade um gênio tutelar
que o Bem pregou feliz no exemplo modelar
Poeta divinal seu verso doce atrai
“Os lírios virginais nos campos contemplai”
Qual químico veraz nas bodas de Caná
fêz vinho de água pura aos olhos de Judá
Juiz e acusação no popular dilema
jogando a humana lei de encontro à lei suprema
falou ao povo hebreu onde outra lei não medra
“Se não tem culpa alguém que atire então a pedra”
Foi médico sagaz das almas em delírio
e os corpos maus lavou das chagas do martírio
Foi meigo professor falando aos pequeninos
Amparo do transviado e exemplo aos juventinos
Espírito feraz no meio de doutôres
sorveu a taça — humilde entre ladrões — de horrores

Modélo para o rico Estímulo dos pobres
encheu os corações de aspirações mais nobres
Filósofo fecundo em pregações de amor
não escreveu jamais no divinal labor

Se queres possuir real felicidade
se queres caminhar por tôda a eternidade
mantendo junto a ti teu sonho predileto

na trilha divinal do líder mais completo
repõe cheia de fé no próprio coração
a paz a caridade o amor ao teu irmão

Verdade Belo e Bem a tríade de luz
terás eternamente ao lado de Jesus

ÍNDICE

LAMENTOS

Primeira Parte

Aleph	9
Beth	10
Gimel	11
Daleth	12
He	13
Vau	14
Zain	15
Heth	16
Teth	17
Iod	18
Caph	19
Lamed	20
Mem	21
Nun	22
Samech	23
Ain	24
Phe	25
Sade	26

Coph	27
Res	28
Sin	29
Tau	30

L, Á G R I M A S

Segunda Parte

Quadras	35
Tercetos	36
Bêncão	38
Dísticos	39
Em botão	40
No sertão	41
Mata Virgem da Vida	42
Flamboyant	43
Retrato	44
Quadro	45
Zé Balão	46
Adolescência	50
Senectude	55
Diálogo	56
MINHA CRÍTICA — Maria Helena da Silveira	63
 APÉNDICE :	
Uma Campanha de Salvação Nacional	65

MINHA CRÍTICA

MARIA HELENA DA SILVEIRA

Newton de Barros nasceu em S. Paulo, como poderia ter nascido no Rio ou no Território do Amapá. Sua poesia não é local, não é regional. Seus temas são universais. A dor humana, o amor.

Nada há que o defina como o cantor dêste ou daquele aspecto paisagístico, ou de costumes. Seus vôos são mais altos, transcedentes.

Sentimos, mesmo, que ao abordar um "assunto comum", ele se dilui um pouco, perdendo, em qualidade, a sua poesia.

Sua espontaneidade, tão bela em certos poemas, deixa-se ficar para trás, a fim de retratar uma face, talvez dolorosa, talvez pitoresca da vida, mas que quebra seu ritmo poético.

Não é nesses instantes que mais gosto do que escreve. Gosto, quando deixa de lado a vontade de executar alguma obra social e mergulha de olhos fechados em plena redescoberta de formas expressivas. Aí nós vamos encontrar o verdadeiro poeta, capaz de levantar, diante de nossos olhos, a barreira cerrada de seus argumentos convincentes. E nós sentimos com ele e choramos com ele.

Digo choramos, porque há uma nota de profunda melancolia na poesia de Newton de Barros. Melancolia trazida pelo conhecimento da precariedade das coisas efêmeras da vida. Tudo passa, deixando apenas o traço amargo, ou a dor suave, na nossa espe-

rança. Com a sua alma, que parece captar tôdas as expressões do sentimento, tôdas as manifestações do amor humano, Newton transporta, para sua poesia, essa tristeza. Por isso há uma constatação enérgica do sofrimento humano, quando diz: "Maria, minha alma chora", em seus "Lamentos".

"Minha alma chora" quer dizer: todo o meu sér se curva diante do desmoronamento das coisas boas, das horas felizes.

Entretanto, êste conhecimento não o aniquila, e é com enorme fé que volta para a criação divina, para as aves do céu que nos trazem uma mensagem de paz.

Há uma nota de profunda melancolia na poesia de Newton de Barros. Mas há, também, uma profunda aceitação cristã.

Reconhecer o sofrimento é comum. Tôda a humanidade tem que sofrer, tem que pagar o seu tributo à dor. Aceitar o sofrimento. Isto é o que se torna difícil. Recebêmo-lo como um castigo, gritamos, blasfemamos e não procuramos o bem que êle nos poderá trazer. E Newton nos ensina a paciência, quando diz: Esquece, caminha Restaura energias. Prepara teu vôo aos céus côn-de-anil. A prece feraz aos céus elevanta ouvindo com fé em terna esperança os versos do hinário do eterno Senhor, que as aves entoam nos cantos de Amor.

O tom bíblico, que assume na primeira parte de seu livro, dá um sentido de unidade muito grande aos poemas. Recorrendo às fontes imortais dos Livros Sagrados, êle foi abeberar-se no que de mais puro há na linguagem poética universal.

Por todos êstes fatores, só tenho que agradecer ao poeta; mais esta lição de amor, de fé, de humanidade e de poesia.

APÊNDICE

UMA CAMPANHA DE SALVAÇÃO NACIONAL

ESTATUTOS

CRUZADA DE EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE

(C E F)

Cap. I — DA FINALIDADE

Art. 1 — A Cruzada de Educação e Fraternidade, de sigla CEF, é uma instituição de âmbito nacional, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, cuja finalidade é a assistência e a educação dos menores abandonados, em todo o território nacional.

Art. 2 — Como a execução do seu plano decorre de múltiplos fatôres, a CEF planejará e fará intercâmbio com as instituições que promovam:

- a) o amparo à maternidade;
- b) a reeducação dos desajustados sociais;
- c) ação continuada e persistente pelo soerguimento econômico, intelectual, técnico e moral da sociedade brasileira.

Cap. II — DA DIREÇÃO

Art. 3 — A CEF será dirigida:

- a) por um Conselho de Supervisão Nacional (CSN);
- b) por um Conselho Técnico Consultivo (CTC);

c) por Conselhos Municipais Executivos (CME);

§ Único — Nos municípios de mais de quinhentos mil habitantes poderá existir mais de um CME, independentes.

Art. 4 — O CSN será constituído de quinze membros natos inclusive o presidente do Departamento Nacional da Criança, em exercício, se aceitar.

Art. 5 — Haverá sempre, seis representantes do sexo feminino no CSN, pelo menos.

§ Único — Oito membros do CSN proporão ao Presidente, em uma lista tríplice, o candidato à vaga do CSN, ocorrida nos casos previstos, desligamentos ou mortes.

Art. 6 — A maioria dos CME, existentes no Brasil, poderá propor ao Presidente, da CEF, a renovação de um conselheiro do CSN, de seis em seis anos, recaindo a substituição sobre o de menor possibilidade de trabalho eficiente, ou por sorteio.

Art. 7 — O CTC será constituído de número ilimitado de membros, especializados em conhecimentos úteis à CEF.

§ Único — Os membros do CTC são convidados pelo CSN para uma colaboração em períodos de três anos.

Art. 8 — Os CME são constituídos de número ilimitado de membros, sendo um representante de cada:

- a) instituição local de assistência social;
- b) estação de rádio local e tv.;
- c) jornal independente, política e religiosamente;
- d) educandário com mais de quinhentos alunos;
- e) instituição religiosa que mantenha o seu templo ou casa de orações, de acordo com as leis em vigor;
- f) unidade militar sediada no município;
- g) associação de comerciantes;
- h) associação de industriais;
- i) associação de agricultores;

j) associação cultural — desportiva, com mais de quinhentos sócios.

§ 1.º — Em cada CME haverá sempre, maioria absoluta de representantes do sexo feminino.

Art. 9 — As funções e cargos dos CSN, CTC e CME não poderão ser remunerados pela CEF.

§ 2.º — O exercício de cada CME será por três anos.

Cap. III — DOS SÓCIOS

Art. 10 — São sócios efetivos da CEF todos os cidadãos idealistas, maiores, que contribuam com um mínimo de cruzeiros mensais para a CEF, fixado sobre o salário mínimo da região.

Art. 11 — Os menores de idade comporão um quadro de sócios aspirantes, colaboradores da CEF através das artes.

Art. 12 — Os primeiros componentes dos CSN e CME serão sócios efetivos-fundadores da CEF.

Art. 13 — Os membros do CSN e CME perderão o seu cargo automaticamente:

- a) quando candidatos a cargos públicos eletivos, três meses antes das eleições;
- b) por atividades contrárias às leis do país;
- c) por atividade política sectarista e odiosa;
- d) por atividade religiosa sectarista contrária à harmonia social e à fraternidade.

Art. 14 — É um direito do sócio efetivo, de cada CME, eleger, no segundo semestre do terceiro ano, o novo CME entre os sócios efetivos de uma lista tríplice, enviada à assembléia pelas instituições previstas no artigo oito.

§ Único — As eleições serão por escrutínio secreto.

Cap. IV — DAS ATIVIDADES

Art. 15 — O primeiro CME será de iniciativa de um elemento de qualquer instituição prevista, autorizado pelo CSN.

Art. 16 — A primeira iniciativa do CME é promover a estatística:

- a) das instituições sociais de assistência do município, suas deficiências e possibilidades;
- b) das indústrias locais e possibilidades de aprendizagem para menores;
- c) dos analfabetos e crianças sem escolas, e sem lar;
- d) das "favelas" e seus problemas.

Art. 17 — O objetivo imediato e urgente do CME é a granja-escola, próxima à cidade;

- a) fazendo dela sua sede social;
- b) procurando transformá-la em um grande lar de ambiente psico-bio-sociológico sadio;
- c) retirando a renda máxima de suas plantações, pequenas indústrias e criações, a fim de torná-la auto-suficiente.

§ 1.º — As granjas-escolas serão numeradas pelo CSN obedecendo a ordem cronológica de fundação.

§ 2.º — Excepcionalmente, a granja escola poderá ser designada pelo nome do doador da área da granja escola; nunca inferior a dez mil metros quadrados.

Art. 18 — A terceira iniciativa do CME será o Lar Transitório; triagem de todos os recolhidos pelo Batalhão Feminino da CEF.

Art. 19 — O CSN será o órgão controlador das atividades do CTC e CME:

- a) procurando especializar as granjas-escolas de acordo com um planejamento nacional;

- b) suprindo as deficiências das G. E. menores e orientando os rendimentos das maiores;
- c) supervisionando, assistindo, apoando técnica, moral e materialmente os CME.

Cap. V — DA MANUTENÇÃO

Art. 20 — As granjas-escolas e os Lares Transitórios serão mantidos pelas mensalidades dos sócios efetivos, doações, subvenções e rendas de origem honesta e legal.

Art. 21 — O CSN receberá, de cada CME, uma quota crescente, para o fundo nacional da CEF.

Art. 22 — O fundo nacional da CEP será destinado a empréstimos sem juros às granjas-escolas, e Lares Transitórios, e às despesas do CSN.

§ Único — As despesas do CSN nunca excederão de um décimo da quota anual prevista e serão feitas com:

- a) a secretaria;
- b) a sede;
- c) os funcionários;
- d) a biblioteca especializada;
- e) os cursos de formação de assistentes das granjas-escolas;
- f) a revista especializada da CTC;
- g) a edição de livros para menores.

Art. 23 — O presidente movimentará o fundo nacional da CEF, autorizado pela maioria dos conselheiros do CSN.

§ Único — O fundo nacional da CEF será depositado, no Banco do Brasil ou Caixa Econômica Federal.

Cap. VI — DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 24 — Todos os funcionários da CEF, em todo o território nacional, satisfarão a duas condições:

a) serão pais, irmãos ou responsáveis legais pelos assistidos, preferencialmente;

b) serão empossados após um concurso elaborado pelo CSN.

Art. 25 — Cada CME enviará ao CSN semestralmente, um relatório de suas atividades.

§ Único — Do relatório constarão também, os balancetes já publicados nos jornais locais, mensalmente.

Art. 26 — Cada CME terá um Regimento Interno.

§ Único — Esse regimento será enviado ao CSN para aprovação.

Art. 27 — O CSN aprovará estes Estatutos.

§ Único — Sómente o CSN pode alterá-lo, pela unanimidade de conselheiros, de três em três anos.

Art. 28 — O segundo domingo de maio será o dia de festa nacional da CEF, em homenagem às Mães.

Art. 29 — O patrimônio material da CEF, em caso de dissolução, reverterá em benefício do Departamento Nacional da Criança.

Art. 30 — O CSN solucionará os casos omissos nos Estatutos.

Art. 31 — Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 32 — Trinta dias após a aprovação dos Estatutos, o CSN aprovará o seu Regimento Interno.

Art. 33 — A sede provisória da CEF será...

Art. 34 — São membros natos e vitalícios do CSN os cidadãos que assinam a ata de filiação.

Correspondência:

Caixa Postal 10 (dez).

(Nova Iguaçu) — R. J.

CRUZADA DE EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE (CEF)

CONSELHO DE SUPERVISÃO NACIONAL (CSN)

REGIMENTO INTERNO

Cap. I — DAS FUNÇÕES

Art. 1 — Os conselheiros do CSN elegerão entre si, nas vésperas do dia das Mães, anualmente:

- a) presidente (um) vice-presidente (um);
- b) diretor executivo (um);
- c) " secretário (dois) — 1.º e 2.º secretário;
- d) " financeiro (dois) — 1.º e 2.º;
- e) " jurídico (dois) — 1.º e 2.º;
- f) " de assistência social (dois) — 1.º e 2.º;
- g) " de educação (dois) — 1.º e 2.º;
- h) " de imprensa, rádio, tv e teatro (dois) — 1.º e 2.º

Art. 2 — Compete ao Presidente:

- a) presidir as reuniões do CSN;
- b) assinar o plano financeiro semestral, do Fundo Nacional aprovado pelos conselheiros;
- c) anunciar as vagas do CSN e preenchê-las de acordo com os Estatutos;
- d) procurar meios de colocar Rádio, Teatro, TV e Imprensa a serviço da CEF;
- e) apresentar ao CSN, o relatório anual da CEF;
- f) representar a CEF no Brasil e no estrangeiro;

- g) representar a CEF em Juizo;
- h) cumprir e fazer cumprir os Estatutos.

Art. 3 — Compete ao Vice-Presidente: substituir o presidente nos seus impedimentos.

Art. 4 — Compete ao Diretor Executivo:

- a) substituir o vice-presidente nos seus impedimentos;
- b) fazer cumprir as deliberações aprovadas em reunião do Conselho;
- c) estabelecer o entrosamento das atividades do CSN, CTC e CME;
- d) encaminhar estudos para o CTC;
- e) assinar toda correspondência interna e externa com um diretor secretário;

Art. 5 — Compete aos diretores Secretários:

- a) substituir o Diretor Executivo no seu impedimento;
- b) redigir as atas das reuniões;
- c) redigir a correspondência da CEF, interna e externa;
- d) organizar a secretaria;
- e) manter um fichário completo de conselheiros e conselhos municipais.

Art. 6 — Compete aos Diretores Financeiros:

- a) receber as quotas dos CME e depositá-las;
- b) receber subvenções, doações, rendas diversas e depositá-las;
- c) apresentar em reunião o planejamento das despesas do CSN;
- d) assinar recibos e cheques com o Presidente ou Vice presidente;
- e) apresentar em reunião, os estudos sobre pedidos de empréstimos;
- f) organizar o balancete mensal da CEF.

Art. 7 — Cabe aos Diretores Jurídicos:

- a) manter a CEF de acordo com as leis em vigor;

- b) defendê-la em juizo;
- c) fiscalizar a legalidade dos atos e deliberações do CSN;
- d) assistir o presidente em Juizo.

Art. 8 — Cabe aos Diretores de Assistência Social e Educação em conjunto:

- a) encaminhar ao CTC consultas, propostas e sugestões sobre as quais não possam opinar;
- b) estar presente a debates públicos e promovê-los quando de interesse para a CEF;
- c) estar em dia com as entidades oficiais e não oficiais similares;
- d) dirigir com os Diretores Secretários a revista especializada;
- e) selecionar livros infantis para as granjas-escolas;
- f) providenciar os cursos de preparação dos assistentes sociais;
- g) organizar as provas de seleção de pessoal.

Art. 9 — Compete aos Diretores de RTI:

- a) providenciar a propaganda da CEF;
- b) organizar programas artísticos pró Fundo Nacional;
- c) estimular os sócios aspirantes, através de um plano nacional;
- d) procurar meios de colocar Rádio, Teatro, TV e Imprensa dentro das finalidades da CEF.

Cap. II — DAS REUNIÕES

Art. 10 — O CSN reunir-se-á mensalmente, com a presença dos conselheiros em maioria.

§ Único — Meia hora depois, a reunião far-se-á com qualquer número, sendo indispensável a presença do presidente, ou vice-presidente, ou diretor executivo.

Art. 11 — As deliberações de âmbito nacional, ou de caráter econômico serão tomadas por escrito, individualmente, no prazo máximo de três dias.

§ Único — O Diretor Executivo recolherá os votos e executará o deliberado por maioria, mandando lançar em ata, as participações de voto.

Art. 13 — As atas serão assinadas pelos Conselheiros, mesmo ausentes, datando a assinatura, quando posterior à reunião.

Cap. III — DIREITOS E DEVERES

Art. 14 — São direitos dos conselheiros:

- a) votar individualmente nos debates;
- b) eleger e ser eleito para os cargos do CSN;
- c) representar o CSN quando autorizado por ofício.

Art. 15 — São deveres dos conselheiros:

- a) zelar pela execução fiel dos Estatutos da CEF;
- b) comparecer às reuniões e justificar a ausência, com relativa antecedência;
- c) cumprir com fidelidade e altruismo os deveres da CEF;
- d) comunicar, por escrito ao CSN, seu impedimento segundo os Estatutos.

Cap. IV — DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 16 — As deliberações do CSN serão as previstas nos Estatutos.

Art. 17 — Os conselheiros podem ser reeleitos ou permutar de função após a aprovação da maioria.

Art. 18 — Os conselheiros, por maioria absoluta, podem alterar o Regimento Interno.

Art. 19 — Aprovado êste Regimento Interno, serão preenchidas imediatamente as funções, por escrutínio secreto.

Art. 20 — O Regimento Interno entrará em vigor na data de sua aprovação.

moral evangélica, para educar e convencer os moços. E engenho e arte não faltam ao autor para elaborar coisa assim...

Trata-se, entretanto, de um livro de contos. Se todos conservam o cunho espiritualista, nêle se misturam a contos regionais e românticos, um cunho de tragédia que até nos fez lembrar certo livro que publicamos, lá vão anos, com pseudônimo — PROSA DE CALIBAN — que levou João Ribeiro a alterar-lhe a designação para A FERRO E FOGO...

E a dedicatória a seus filhos que são nossos quatro sobrinhos muito queridos. Ora, mais do que justo que essa gente, hoje ainda miuda, veja, de futuro num mesmo livro, o nome do pai e a apresentação do tio...

Isso até emocionou-nos, a seu tanto!

Só por isso, não poderíamos de modo nenhum deixar de atender ao imperativo amigo, recebido dentro de um dia de calor senegalesco.

Trata-se de um volume de onze produções.

Para nós, a última é que devia abrir o livro, porque um conto puramente evangélico.

Teria o autor colimado seu alto objetivo? Aquéle que nos disse ao telefone, que revela nos seus contos espiritualistas, a despeito de seu aspecto multíplice, desde a tragédia ao patriotismo, desde o regionalismo ao romantismo? Não o sabemos.

Sabemos que é um livro de leitura agradável, atraente mesmo, cuja leitura enleia e atrai a gente.

Só nisto, ainda que lhe faltassem outros méritos, vale bem a pena que seja lido, e meditado, e sentido.

Eis o que espera o seu autor e o autor destas linhas.

Novembro de 1956.

IRMÃOS PONGETTI EDITORES
RIO DE JANEIRO